

Escola, Educação e Museu: inovação e mudança. Um estudo de caso

Elisa Castro

Mestre em Supervisão e Coordenação da Educação
pela Universidade Portucalense

Escola E. B. 2,3 de Olival, Vila Nova de Gaia

elisa_castro@hotmail.com

1. Introdução

Confrontada com a necessidade de conquistar os alunos para a História, quando o seu interesse pela disciplina nem sempre tem correspondência nos resultados da avaliação, interessa-me a reflexão sobre formas de o conseguir, promovendo, como professora, um trabalho que equilibre conteúdos científicos transmitidos com rigor, métodos e adesão afetiva.

Desafiar os obstáculos que progressivamente afastam os alunos e contrapor-lhes os atrativos que a História em si

contém e o fascínio que exerce e que na sociedade se pressente em muitas manifestações - é este o desafio que o professor tem que assumir. Não por qualquer acaso, mas acreditando que a História é útil e necessária no mundo de hoje, como afirma José Matoso.

Nesta sequência, o Património, e no caso concreto deste estudo o Património cultural, surge, naturalmente, como um recurso que permite conjugar os aspetos acima referidos, através de atividades diversificadas e motivadoras que enriquecem os alunos, aprofundam e aperfeiçoam o processo de ensino-aprendizagem

2. Entre o património e a educação patrimonial – razões para um estudo

Conceito alargado, abrangendo grande diversidade de tipologias e realizações humanas, o Património, enquanto instância que é e constrói memória e identificação, aparece como um aliado indispensável da História. Do mesmo modo, surge como indispensável à escola e à comunidade em que esta se insere, sobretudo num tempo de globalização em que as similitudes se multiplicam. Particularmente, através do Património local, é possível estabelecer um novo diálogo entre a escola, os alunos e a comunidade educativa, sendo esta aproximação um aspeto que a escola não pode descurar no contexto atual.

Provocando adesão afetiva e envolvendo emocionalmente, o Património e as suas evidências impõem-se por permitirem cumprir conteúdos, nomeadamente da História, e por facilitarem a formação para a cidadania, através da realização de projetos motivadores.

Os museus, também entendidos hoje sob um conceito alargado, são precisamente um espaço privilegiado de salvaguarda, estudo e divulgação do Património, numa perspetiva cada vez mais ligada ao seu público.

De facto, na ótica da Nova Museologia, a relação do museu com a comunidade que serve é determinante. Espera-se dele a diversificação das atividades que desenvolve, enriquecendo o elo com o público e ganhando mais relevo a sua função no campo da educação não-formal.

Justamente num tempo em que a educação formal e a escola têm dificuldade em dar resposta eficaz à diversidade de grupos e interesses que lhe chegam, o papel do museu solidifica-se. A motivação que a ida ao museu despoleta e o contacto que implica com novas linguagens e com novos contextos geram um envolvimento interessado que a escola ganha em explorar.

Com benefícios mútuos, porque à escola o museu vai também buscar público atual e futuro, a Educação Patrimonial aparece como uma via para que esta relação de duplo sentido se concretize, assegurando a comunicação entre ambas as instâncias.

Apesar dos constrangimentos que podem colocar-se à exploração do Património por parte da escola, é importante que ela se faça na ótica de uma mudança nas práticas, de

forma mais consistente e sistemática, tendo por base o contacto direto com a evidência patrimonial e a sua apreensão em experiências significativas que a considerem pelo seu valor intrínseco, que a leiam e lhe construam o significado. Mais do que a posição passiva de recetor, a Educação Patrimonial deverá assegurar um percurso ativo de exploração da evidência patrimonial, que comece pela sua apreensão sensorial e se alargue à sua contextualização e à capacidade de a recriar através de atividades e expressões diversas.

É destas ideias, aqui brevemente apontadas, que surge a motivação para o trabalho que desenvolvi - a vontade de querer aprofundar e aperfeiçoar a exploração do Património, enquanto recurso da disciplina que leciono, História, e enquanto recurso da própria escola.

Mas uma outra dimensão esteve na génese deste trabalho e essa diz respeito à Supervisão. Assumida como um processo que acompanha todo o percurso profissional, desafiando atualização e novas respostas, desenvolvido individualmente e com os pares. Uma conceção de Supervisão que se apoia na reflexão, na investigação e na partilha de experiências, com o sentido de melhorar práticas e resultados, de aprofundar a qualidade do desempenho pessoal e, como consequência, do da instituição escola em que o professor se integra. Trata-se de um trabalho realizado numa dimensão individual, a alargar ao conjunto dos professores, dando relevo ao valor da autorreflexão e do saber que cada professor é capaz de construir, pela reflexão sobre o seu desempenho, intimamente ligada à prática e, beneficiando disso mesmo, com conhecimento seguro da realidade do contexto escolar.

3. O percurso da investigação

No enquadramento atrás descrito, foi definido o problema de investigação, tendo por base uma casa-museu local, cuja relação com a comunidade mais facilmente poderá estabelecer-se.

Assim, foi minha intenção analisar as potencialidades dessa casa-museu enquanto recurso pedagógico, e identificar as modalidades mais adequadas para a sua exploração em contexto escolar, promovendo o desenvolvimento dos alunos sempre na perspetiva da melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

A hipótese que pretendi averiguar foi a de saber se este espaço motivava para a aprendizagem e se tinha recursos para suportar um projeto de trabalho a desenvolver pela escola, correspondendo aos interesses manifestados pelos alunos e pelos professores.

Tratou-se, portanto, de apontar como objetivos gerais a exploração das potencialidades de Educação Patrimonial que a casa-museu permite e a elaboração de um roteiro para a sua exploração, que possa constituir-se como um recurso da escola, facilitador do desenvolvimento académico e pessoal dos alunos.

O trabalho desenvolveu-se em três dimensões: os alunos, a quem esse roteiro se destinará; a casa-museu, como suporte da sua elaboração; os professores, dinamizadores das atividades a realizar. Com elas foram relacionados os objetivos mais específicos deste estudo: conhecer a atividade da casa-

museu; identificar os aspetos que favorecem as suas potencialidades educativas; determinar quais as suas características que mobilizam os alunos; esclarecer que perspectiva têm os professores de História sobre a exploração do Património e sobre esta casa-museu em particular; estabelecer um conjunto de atividades significativas que possam integrar um roteiro para a sua exploração.

A dissertação encontra-se formalmente dividida em duas grandes partes. Antecede-as a Introdução, na qual se refere a necessidade de aproximar os alunos à disciplina de História, utilizando o Património como o fator dessa aproximação, e se integra este trabalho no âmbito da Supervisão. Segue-se-lhes a Conclusão na qual se retoma o que os instrumentos de recolha de dados permitiram obter e se abrem perspectivas futuras de ação nas temáticas abordadas nesta investigação.

Pelo meio, a Fundamentação Teórica, em que foram abordados aspetos a que brevemente já aludi: o alargamento do conceito de Património; a sua dimensão essencial enquanto instância de memória e identificação; a vantajosa relação que o Património deve estabelecer com a escola.

Da mesma forma, se abordou o alargamento do conceito de Museu; a alteração de práticas, no sentido da Nova Museologia; a inevitável relação do museu com a educação e com a escola.

A Educação Patrimonial, como espaço onde se cruzam o património e a sua exploração em contexto escolar, é o outro tema abordado, esclarecendo, desde logo, a opção pelo Património Cultural e referindo a necessária mudança de

práticas, nomeadamente no sentido do que aponta Olaia Fontal Merillas – a Educação Patrimonial como um percurso afetivo e cognitivo que se desenvolve por etapas diversas e sequentes: conhecer, compreender, respeitar, valorizar, cuidar, desfrutar, transmitir.

Na segunda parte, respeitante à Fundamentação Empírica, esclarecemos exatamente o estudo que foi feito e o modo como se desenvolveu.

Trata-se de um Estudo de Caso que se debruça sobre uma situação particular em relação à qual se pretende aprofundar e aperfeiçoar conhecimento, com vista a melhorar o saber e a prática.

O contexto em que o estudo decorreu foi duplo: por um lado, a casa-museu, a Casa da Quinta de Santo Inácio, uma habitação burguesa do século XIX, localizada em Avintes, freguesia contígua àquela onde se insere a escola; por outro, um Agrupamento Vertical de escolas, no qual foi definida a população-alvo (os alunos do 6º ano de escolaridade, totalizando 226 alunos) bem como a amostra (54 alunos do 6º ano, correspondendo a 23, 89% do total).

Relativamente à casa-museu, trata-se de um edifício que remonta ao início do século XVIII e que foi utilizado como residência de férias pelos proprietários. Inserida numa quinta frequentada pela burguesia portuense, a casa estrutura-se em dois pisos, que a fachada organiza formalmente, correspondentes à sua distribuição funcional: o piso inferior destinado às salas, à cozinha e a outras áreas de apoio; o piso superior ocupado pela zona dos quartos, das salas de visitas e

de música, pela biblioteca e escritório. Completa o edifício uma capela de invocação a Santo Inácio de Loyola, a que a população tinha acesso através de uma entrada diversa da que os habitantes da casa utilizavam. De iniciativa privada, este museu surgiu com o objetivo de preservar o património existente e de o abrir à população, permitindo uma viagem pelo quotidiano de uma família da burguesia comercial do século XIX. Ainda que a distribuição dos espaços da casa não correspondam à original, o espólio mantém-se impecavelmente recuperado e o que a casa nos revela é mais do que habitualmente vemos em instituições semelhantes. Todo o espaço é visitável, desde a cozinha, à rouparia, das salas de refeições, à sala de brinquedos, da sala de música à biblioteca e ao escritório, dos quartos ao quarto de banho que a casa já possuía. A fachada nascente do edifício surge voltada para os jardins, projetados à maneira francesa na organização geométrica dos caminhos, canteiros e lago com repuxo.

Quanto à escola, insere-se num Agrupamento Vertical que congrega jardins de infância, escolas do 1º ciclo e escola sede onde funcionam os 2º e 3º ciclos. As características deste Agrupamento estão ligadas às da comunidade em que se insere, sendo baixos os níveis de instrução dos pais e encarregados de educação, cujas atividades profissionais são muito diversificadas, embora predominando os operários, com cerca de 60 %, entre os pais, e 35 %, entre as mães. Relativamente aos alunos, destaca-se o facto de mais de metade ser abrangida por apoios da Ação Social Escolar e, destes, a maioria beneficiar do escalão A. A taxa de insucesso

tem vindo a decrescer e o mesmo se tem verificado no que toca ao abandono escolar.

Entre a população-alvo, foi escolhida a amostra, correspondendo a duas turmas, cuja composição por género e idade corresponde à média do que se verifica no 6º ano. A aproximação aos valores da escola e do 6º ano também se constata nos resultados escolares, nas habilitações e profissões de pais e encarregados de educação, nas respetivas profissões, nas taxas de retenção e nos apoios da Ação Social Escolar.

Tratando-se de uma amostra não probabilística, escolhida pelo método de amostragem por conveniência, as suas características asseguram uma escolha representativa da população-alvo, não se constituindo como exceção no contexto escolar e permitindo, por isso, extrapolar os resultados obtidos com este estudo.

Como instrumentos de recolha de dados, definiram-se inquéritos por questionário, aplicados aos alunos; entrevistas feitas aos professores de História e à monitora da casa-museu; grelha de observação, destinadas à investigadora e à monitora da casa-museu e uma grelha para autoavaliação a preencher pelos alunos.

Relativamente aos inquéritos por questionário, de administração direta, foram escolhidos pela facilidade da sua aplicação e da recolha da informação pretendida. Previamente testados com uma turma de características idênticas às da amostra, foram elaborados com questões de vários tipos, sobre aspetos objetivos e subjetivos, e construídos com uma

apresentação que se pretendeu adequada aos respondentes, na forma e na linguagem utilizada. O seu preenchimento ocorreu em momentos diferentes por todos os alunos da amostra e o seu conteúdo foi objeto de um tratamento estatístico simples, construindo escalas nominais e ordinais de dados. Os inquéritos aplicados permitiram recolher dados sobre a caracterização dos alunos relativamente à escola, ao contexto familiar e aos hábitos de ocupação de tempos livres; dados sobre a opinião dos alunos acerca da disciplina de História, sobre a ideia que têm do conceito de Museu e sobre a casa-museu que visitaram e onde realizaram um conjunto de tarefas propostas num roteiro de atividades.

Quanto às entrevistas, definiram-se semiestruturadas, permitindo conciliar a liberdade de quem é entrevistado com o cumprimento dos objetivos inicialmente definidos e que um guião, previamente elaborado, corporizava. Feitas individualmente à monitora da casa-museu e aos professores de História da escola, foram gravadas e transcritas, respeitando as marcas da oralidade, e o seu tratamento foi feito na perspetiva da análise documental, porque se pretendeu condensar informação num documento que facilitasse um acesso mais imediato ao seu conteúdo.

As grelhas de observação foram elaboradas a partir de um conjunto de comportamentos, agrupados em sete dimensões, identificados numa visita prévia à casa, feita com um outro grupo de alunos. Serviram para registar a observação direta de comportamentos dos alunos, durante uma atividade realizada no museu, e foram preenchidos pela professora e pela monitora, imediatamente após a visita. Desta grelha foi

feita uma versão para que os alunos autoavaliassem os seus comportamentos durante a mesma atividade, preenchida após a chegada à escola, depois da visita de estudo à casa-museu.

Os resultados obtidos com estes instrumentos de recolha de dados reportam-se às três dimensões sobre as quais o estudo incidiu e atrás referidas – alunos, professores, museu.

Relativamente aos alunos, verificou-se que os tempos livres são passados maioritariamente em casa, a ver televisão, a jogar computador ou a ouvir música. História é uma das disciplinas que preferem, sendo a diversificação das atividades realizadas um dos aspetos que mais valorizam na apreciação que fazem das várias áreas curriculares. Na escola, gostam, principalmente, do campo de jogos, dos recreios, dos professores, da biblioteca e, sobre os aspetos a melhorar, apontam a curta duração dos intervalos e as poucas visitas de estudo realizadas, à frente de um conjunto de outros aspetos menos vezes referidos.

Estas preocupações deveriam fazer refletir sobre a organização do tempo e dos espaços na escola e sobre as atividades que promove, espelhando uma escola progressivamente mais fechada no espaço físico restrito da sala de aula.

Aliás, as visitas de estudo são as atividades de que mais gostam, seguidas do desporto. A escola é quem promove grande parte das visitas que fazem e os locais que referem já ter visitado, ou os que gostariam de visitar, remetem diretamente para indicações e espaços escolhidos/propostos

pelos professores. Conhecer, aprender e conviver são, por esta ordem, o que mais apreciam nas visitas

Apesar da sua reduzida experiência de ida a museus, predomina uma ideia positiva sobre estes espaços que sai reforçada depois da visita a esta casa-museu. Conhecer, aprender e descobrir são as palavras que mais referem relativamente à utilidade dos museus, enquanto se consolida a ideia de que são espaços de atividades e de participação ativa, que relacionam com a escola e com as aprendizagens que aí realizam.

A ida ao museu também trouxe um efeito positivo sobre o que pensam acerca da disciplina de História, aumentando o número dos que referem que as aulas podem ser agradáveis, realizadas fora da escola, com atividades práticas. Ao mesmo tempo, reduzem-se os que acentuam a relação da História com a memorização e com a dificuldade em interligar vários assuntos.

Através dos inquéritos sobre a casa-museu, foi possível determinar que divisões e que objetos mais os atraíram. Preferem claramente os espaços mais íntimos e os objetos desconhecidos ou inesperados, como uma máquina de fazer gelados.

Também pudemos estipular que as atividades que mais os interessaram estão relacionadas com a observação de objetos e a sua comparação aos que hoje existem e com a realização de jogos.

Da mesma forma, definimos os assuntos sobre os quais a casa despertou a curiosidade, destacando-se a “história da família” e os aspetos da “vida daquele tempo”. Dimensões da cultura material que, embora iniciada pela Nova História, quase não se refletem nos programas escolares. Apesar disso, como comprovam estudos feitos na Europa e em Portugal, são áreas pelas quais os estudantes manifestam muito apreço, pelo que a disciplina de História ganharia em incorporá-las.

Em relação a atividades que gostariam de realizar no espaço da casa-museu, a visita ao jardim (neste momento não contemplada na visita à casa), uma representação teatral e uma aula são as mais referidas, entre outras escolhas feitas, todas apontando para interatividade com o espaço e com as pessoas.

Quase todos apreciariam ter uma lembrança da casa-museu e todos gostariam de a visitar novamente.

A avaliação que os alunos fizeram à visita realizada permite determinar que sentiram interesse e curiosidade; que foram ativos, quer pela resolução das tarefas, quer pelas perguntas que fizeram ou pelas opiniões que manifestaram; que foram capazes de verbalizar, ainda que de forma simples, a importância da preservar o Património. O relacionamento com o espaço, com os colegas, com a professora e com a monitora foi muito positivo, como se verificou pela participação empenhada nas atividades da visita, pela solicitação dos outros, pelas exclamações individuais ou dirigidas aos colegas.

Relativamente aos professores, foi possível apurar que, sobre as visitas de estudo, lhes importa a promoção do contacto direto com as evidências patrimoniais, mas subordinando-as à sua articulação com os conteúdos em estudo.

A interdisciplinaridade é vista como um enriquecimento da visita, que preferem acompanhada por um roteiro de atividades ou por um guia. Consensual entre os entrevistados foi a importância de avaliar a visita, preferindo o diálogo com os alunos como meio privilegiado de a desenvolver, e a necessidade de a divulgar, nomeadamente para partilhar a experiência.

Em particular sobre os museus, referem o enriquecimento da abordagem dos conteúdos em relação ao que é possível numa aula, dentro da sala; apontam a promoção da capacidade de estar atento, de observar, de questionar; Assinalam a importância de desenvolver o gosto pela preservação do que é nosso e nos caracteriza e enfatizam a melhoria da relação que pode desencadear-se entre alunos, escola e professores.

Estes são aspetos que os levam a promover visitas de estudo *in loco*, preferidas em detrimento das possibilidades que o mundo virtual concede, embora as dificuldades económicas e uma escola menos atrativa para os professores sejam, cada vez mais, sentidos como obstáculos significativos à sua concretização.

A importância atribuída a esta casa-museu acompanha a que atribuem às evidências patrimoniais. Referem a possibilidade

de uma aula viva; a eficácia em termos cognitivos deste contacto; a concretização do gosto por aspetos do quotidiano; o despertar de atitudes positivas de valorização do Património, com repercussão sobre as famílias; o ter condições para exploração interdisciplinar e para promover a reflexão sobre o Património. Apontam-lhe, como falhas, a falta de um espaço para atividades, além da visita guiada, e a utilidade de uma equipa maior a apoiar os alunos.

Sobre a casa-museu, a entrevista à monitora esclareceu acerca do regime de funcionamento e das suas características que estão na linha do que, em 2000, concluiu sobre os museus de pequena dimensão, e em particular sobre os de carácter privado como é também este, um estudo do Instituto Português de Museus e do Observatório das Atividades Culturais.

A atividade educativa assenta numa visita guiada cujo conteúdo e duração se adequa ao público, constituído maioritariamente por escolas que raras vezes usam o espaço interdisciplinarmente. O entusiasmo dos alunos que visitam este espaço é confirmado pela monitora que orienta as visitas, não sendo fácil a tarefa de atrair maior diversidade de visitantes.

A internet não é um meio privilegiado de divulgação nem de interação com o museu e essa será uma das suas falhas, num tempo em que o mundo virtual se afirmou e veio para ficar.

5. Conclusões

Quanto à casa-museu, registámos, portanto, algumas falhas que têm que ver, pelo lado dos alunos, com a impossibilidade de visitar o jardim, com a não existência de uma loja onde fosse possível adquirir lembranças do espaço. Na perspetiva dos professores, com a falta de um espaço para diversificar atividades e com a reduzida equipa que acompanha os alunos. Na ótica do museu, com uma relação débil com as novas tecnologias da comunicação que alargaria a sua visibilidade e acentuaria e prolongaria a sua interatividade com o público real e potencial.

No entanto, nenhuma destas falhas compromete o essencial - a confirmação da hipótese inicial e do valor, como recurso pedagógico, desta casa-museu, certificando-nos de que motiva intrinsecamente para a aprendizagem e tem recursos que, respondendo a interesses de alunos e professores, justificam a elaboração de um projeto de trabalho por parte da escola. Esta é a conclusão que nos importa e que se relaciona diretamente com os objetivos gerais inicialmente determinados.

Relativamente às suas potencialidades no âmbito da Educação Patrimonial, elas são inequívocas, decorrendo esta afirmação de um conjunto de fatores, evidenciados através dos instrumentos de recolha de dados e que, a seguir, se enumeram: a capacidade de atrair e emocionar os alunos; de suscitar neles curiosidade, vontade de aprender e capacidade de questionar; o reforço de perceção positiva relativamente ao

museu e à História; a verbalização que despoleta sobre o Património e a sua salvaguarda; o desenvolvimento de conhecimentos através do contacto direto; a promoção da socialização; o desenvolvimento de competências.

Além destes fatores, outros se apuraram e igualmente relevam: um espólio contextualizado ligado à História do quotidiano e da família; a dimensão física da casa-museu permitindo uma visita integral; a proximidade geográfica relativamente à escola; a facilidade de abordagens multidisciplinares e de temáticas diversas; a possibilidade de apreender processos evolutivos; a interação afetiva muito positiva que os alunos estabeleceram com o espaço e com a monitora cujas excelentes capacidades de comunicação, permitiram estabelecer com os alunos uma relação de grande empatia.

Quanto à elaboração de um roteiro de atividades para exploração da casa-museu, e particularmente sobre o seu conteúdo, deverão ser tidas em conta as potencialidades evidenciadas na ótica dos alunos, dos professores e da própria instituição. Deverão prever-se atividades que, indo ao encontro do que os envolvidos no estudo manifestaram, sejam interdisciplinares, interativas, lúdicas e simultaneamente estruturadas, promotoras da observação, da curiosidade, do questionamento, da criatividade, da criação. Finalmente, deverão ter em conta as fases da Educação Patrimonial da apreensão sensorial à apropriação, gerando uma sequência mais profunda de atitudes que vão do conhecimento à vontade de preservar e transmitir as evidências patrimoniais.

No sentido de aprofundar a relação entre a escola e o museu, numa dinâmica de partilha e colaboração, e de enriquecer o desempenho da escola pela exploração do Património e das suas vantagens educativas, definiram-se, a concluir este trabalho, algumas linhas de ação que considero importante implementar.

Desde logo, a concretização do roteiro de atividades para exploração da casa-museu, segundo a metodologia da Educação Patrimonial, constituindo um instrumento atrativo que reforce a atividade da disciplina História e da própria escola. E também o desenvolvimento de uma colaboração mais estreita com a casa-museu em foco, nomeadamente pela proposta de enriquecimento do seu site com sugestões de atividades práticas, fornecidas pela escola, para usar durante ou após uma visita, por diversos tipos de público.

Especificamente relacionada com a História, deveria discutir-se e concretizar-se a diversificação de recursos e estratégias, nomeadamente através da exploração de diversas tipologias patrimoniais, permitindo concretizar o que, pela complexidade que a dimensão tempo introduz, nem sempre é fácil apreender. Ganhar-se-ia, certamente, na aproximação aos alunos e nos resultados obtidos.

Outra perspetiva tem que ver com a capacidade de a escola incorporar, de forma mais consciente, práticas da educação não-formal, mais abertas e com maior envolvimento pessoal, como meio de enriquecimento dos alunos e como atrativo para os que não se identificam com a escola tradicional. A este propósito, seria importante a reflexão sobre o modo de concretizar no Projeto Educativo a complementaridade entre

educação formal e não-formal, no âmbito da qual o Património e o Museu têm um espaço privilegiado, também como fator de integração.

Por fim, seria fundamental promover estratégias de exploração do Património adequadas aos alunos com necessidades educativas especiais, experiências positivas e de desenvolvimento que se constituam, também neste contexto, como meio de integrar a diferença.

Bibliografia

CASTRO, Elisa M.O. (2010), Escola, Educação e Museu: Inovação e Mudança. Um estudo de caso, Porto, Tese de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense. Policopiado.